



O Brasil nas páginas do Público - Jornal Impresso de Portugal¹

Juliana Bandeira¹

Olga Tavares²

Resumo:

O presente trabalho busca contribuir para o entendimento da imagem que se faz do Brasil e do povo brasileiro em meio à sociedade portuguesa através da imprensa escrita. O objetivo principal é tentar compreender como se dá a construção desta imagem, observando a relação entre a estrutura lingüística e a utilização de seus termos orientados pela intenção semântica subjugada ao social. O enfoque desta pesquisa foi a verificação do que faz o Brasil ser notícia em Portugal nas páginas do jornal impresso português *Público*, de circulação nacional e diária, e do modo, analisando o discurso utilizado, com que se noticia o Brasil e sua sociedade.

Palavras-chave: jornalismo português; análise de discurso; *Público*.

Introdução

Em 22 de Abril de 1500, chegaram ao Brasil 13 caravelas portuguesas lideradas por Pedro Álvares Cabral. Até hoje esta data é comemorada como o dia do “descobrimento” do Brasil. Este estudo não se propõe discutir a veracidade histórica de fatos como esse, envoltos por uma série de controvérsias e polêmicas que se arrastam por séculos. O fato é que a partir deste momento, Brasil e Portugal passaram a manter uma relação muito próxima, apesar do Oceano Atlântico como limite físico natural. Essas relações passaram por uma série de transformações: basicamente, de Colônia versus Metrópole a Países-Irmãos, com uma série de acordos diplomáticos em vigência.

Historicamente, as relações de poder faziam com que os colonizadores tivessem uma imagem depreciativa dos brasileiros, incentivada pelo caráter exploratório e também depreciativo da colonização. Os brasileiros foram, por muito tempo, considerados seres de segunda classe, uma mera mistura de índios, negros e portugueses, estando, estes últimos, normalmente em situação de desespero, em que a

¹ Trabalho a ser apresentado no I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação. Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção da graduação em Jornalismo, abril 2007. Versão artigo. julianabandeir@hotmail.com

²Orientadora do projeto de pesquisa. Professora do PPGC e Decom-UFPB. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP). olgatavares@cchla.ufpb.br



busca por uma nova vida em uma nova terra constituía-se como a última esperança. Lembrando também que muitos portugueses foram enviados ao Brasil como forma de castigo.

Com o passar dos anos, essa imagem em relação ao Brasil e ao povo brasileiro sofreu transformações e ganhou novas perspectivas.

O *Público*, cuja editoria internacional se chama Editoria Mundo, dá importância à cobertura das informações acerca do Brasil, que é significativa, o que faz com que as notícias ocorram também em outras editorias. Numa análise prévia e superficial do periódico, é bastante frequente a publicação de notícias que se referem ao Brasil/brasileiros ou que pelo menos os mencionam, nas mais diversas editorias e cadernos que compõem o corpo do *Público*. Por exemplo, no caso da editoria de esportes não é raro verificar a menção e a presença de notícias sobre o Brasil e/ou brasileiros, já que muitos jogadores de futebol de nosso país estão atuando em clubes portugueses.

No dia 5 de Março de 1990, saiu para as bancas o primeiro número do *Público*, que, no Estatuto Editorial, se apresentava como um "diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e econômica" e "um projeto de informação em sintonia com o processo de mudanças tecnológicas e de civilização no espaço público contemporâneo, inscrevendo-se numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa".

O presente trabalho não tem interesse em discutir ou resgatar a história da colonização do Brasil pelos portugueses; entretanto, as origens da relação luso-brasileira são de extrema importância para que se entenda o discurso e o tratamento da imprensa portuguesa aos assuntos que são relacionados ou fazem referência ao Brasil. O objetivo principal é tentar comprovar ou refutar a ideia de que o discurso do dominante sobre o dominado (colonizador versus colonizado), fazendo valer e evidenciar os tons pejorativo, degradante ou pelo menos negativo.

O presente trabalho também não tem o objetivo de perceber como a imprensa portuguesa define o Brasil e o brasileiro, mas perceber como o discurso usado nestas definições constitui processos de significação, produzindo o imaginário de toda uma sociedade acerca do nosso país. O que se pensa e o que se fala sobre o Brasil já não é



novidade; o que se pretende analisar são os processos das formações discursivas jornalísticas que culminam nessas significações.

Diante do papel inquestionável da imprensa na atualidade como reflexo de sua sociedade, como fonte produtora de informação, e por conseqüência, conhecimento; e também pelo fato de existirem poucos estudos em relação à leitura da imprensa de um determinado país sobre o outro, ficou demonstrada a relevância deste trabalho de análise da imagem do Brasil divulgada, através de notícias, no jornal português *Público*.

Os meios de comunicação e os estereótipos

Se a construção de uma imagem estereotipada da representação do outro não pode ser afirmada de modo isento de questionamento pelos diversos fatores que podem influenciar o cognitivo do ser humano, podemos partir para a análise e verificação do incentivo ao estereótipo por meio dos produtos midiáticos, e conseqüentemente, jornalísticos.

A noção de estereótipo tem uma relação bastante próxima com o simulacro. Se a cópia é o mesmo a partir da origem, o simulacro é a diferença sem fundo, na qual os sentidos são jogados de maneira ambivalente e assim, de maneira também descontrolada. Nesse modo de ver, os discursos que partem não do histórico, mas sim do cultural e do etnográfico, muitas vezes repletos de estereótipos, seriam uma forma de controlar o sentido. Se não há o conhecimento sobre algo ou alguém, forja-se um sentido com base em simulacros, fundamentados em paráfrases e metáforas que atuam também na permanência deste sentido.

O assujeitamento a este sentido, por sua vez, vai supor a sua repetição. Enunciados que pertencem a essa zona de repetição se representam na produção de discursos e seus sentidos sucumbem ao domínio da memória. As tão famosas expressões “o Brasil é o país do futuro”, “o Brasil é o país do samba e do futebol”, “o jeitinho brasileiro”, entre outras, são exemplos de enunciados nesta zona de repetibilidade, cujos sentidos sucumbem ao domínio da memória.

O Brasil, por ser um país de dimensões continentais, possui grande variedade de elementos culturais, comportamentais e sociais que podem e servem de elementos representativos de sua sociedade, entretanto, internacionalmente, já se é sabido, e não de hoje, que o samba e o futebol são marcas quase que unânimes usadas para “traduzir” ou representar o país assim como os brasileiros.



Tais marcas, em uma primeira análise de teor mais superficial, apresentariam carga positiva, já que o samba é um elemento cultural que integra a arte musical e alimenta com suas notas a arte da dança. O futebol, por sua vez, é uma das atividades esportivas mais praticadas no mundo, sendo sinônimo não só de diversão e entretenimento nas competições, mas principalmente de saúde. Contudo, ainda há um questionamento sobre como algo tão positivo pode ser encarado de maneira pejorativa? Tais imagens não seriam negativas se não tivessem se transformado em principal sinônimo do Brasil e de sua sociedade. É como se o Brasil fosse somente o país do samba e do futebol. Esta generalização também acontece com outros fatores, principalmente fatores negativos, que fazem parte da realidade brasileira em frequência significativa, como a violência, a corrupção e a pobreza.

O objetivo do presente trabalho é verificar a disseminação destes fatores no jornal português *Público*, respondendo às seguintes perguntas: Os fatos e/ou eventos negativos que acontecem no Brasil e/ou com sua sociedade são os únicos divulgados? Com que frequência permeiam as páginas do veículo analisado? Qual a frequência de notícias que poderiam, por seu teor, alimentar estereótipos? O tom e o modo com os quais as notícias são tratadas, principalmente em relação ao seu discurso, são incentivos aos estereótipos criados sobre o Brasil e sua sociedade?

Como analisar o discurso do jornal *Público*

A análise de discurso (AD) procura compreender a linguagem e as formas textuais, não como produtos de uma representação política e ideológica. O discurso, portanto, na concepção da AD, materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico e, assim, considera criticamente tanto a lingüística quanto as ciências sociais, na sua sustentação teórica.

A AD se constitui nesse intervalo, entre a lingüística e essas outras ciências, justamente na região que dizem respeito à relação da linguagem (objeto lingüístico) com a sua exterioridade (objeto histórico). (ORLANDI, 1990, p. 27).

A prática política, através do discurso, tem como função transformar as relações sociais, utilizando a linguagem como instrumento para a comunicação de significações ou até a não-comunicação. Desta forma, na AD, as noções de ideologia, história (que está ligada às práticas e não ao tempo em si) e sujeito vão depender da linguagem, e

esta, por sua vez, deve pensar a constituição histórica do sentido e do sujeito, assumindo o caráter de materialidade lingüística.

Quanto ao sujeito, a AD baseia-se numa teoria não-subjetiva da leitura. Isso implica em levar o sujeito em consideração, mas não como fonte e responsável pelo sentido. Tudo o que se produz como conhecimento é submetido já de saída a tensões que nascem de embates das relações de força que presidem o imaginário de toda sociedade e é por esta razão que o sujeito deve ser encarado apenas como parte do processo de produção do sentido.

Além disso, a AD permite que a reflexão sobre a linguagem leve em conta as especificidades histórico-políticas dos diferentes contextos em que se desenvolve. Por isso, dá conta da análise e da diferença das formações discursivas das diferentes sociedades, como a brasileira e a portuguesa, por exemplo.

A relação da AD com o texto não é extrair o seu sentido, mas aprender sua historicidade. Isto significa se colocar no interior de uma relação de confrontos de sentidos, explicitando o funcionamento do discurso pela ideologia. Entretanto, apesar de ser necessária à concepção de discurso, não partimos da ideologia para o sentido, mas procuramos compreender os efeitos do sentido a partir da relação entre a língua e a ideologia que acontece em todo discurso. É a ideologia quem direciona os sentidos do imaginário que constituem as relações discursivas, ou seja, a ideologia é a interpretação do sentido. Esta interpretação, por sua vez, vai ser influenciada por condições sócio-históricas específicas de determinados sujeitos inseridos em determinadas sociedades, produzindo um sentido próprio que toma o lugar do “original”, universalizando. Por isso, também, o sentido deve ser encarado como possível e não absoluto ou imutável. A interpretação, entretanto, também é produto da relação com o “outro”, presente dialogicamente, na fala de qualquer sujeito. É esta relação que regula tudo e que explica tanto o sujeito como o sentido. O “outro” está presente intrinsecamente nas formações discursivas (FDs) de cada um.

Ao inscrever o “outro”, o sujeito altera a unicidade aparente do discurso. O sujeito se apresenta como tendo o domínio do que é seu e do que é do outro, no “seu” dizer, numa representação ilusória que serve de proteção para que o discurso seja mantido. É como falar do “outro” com conhecimento de causa, mesmo que este conhecimento seja absolutamente aparente. Segundo Orlandi (1990, p. 39): “Cada formação discursiva define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição do sujeito, em uma certa conjuntura.”



Este estudo procura analisar e compreender a constituição do sentido, ou seja, trabalhar com a historicidade do discurso, considerando as relações entre diferentes (interdiscurso). É por isso que, assim como propõe Orlandi (1990, p. 40), utilizaremos a noção de diferença na análise do discurso.

Além disso, na noção de heterogeneidade é esquecido um fator essencial para o discurso a que pretendemos analisar: o silêncio, ou seja, o apagamento de palavras; aquilo que se deixa de dizer para que uma outra coisa seja dita, seguindo obviamente a um interesse determinado e advindo de relações de forças.

O mecanismo do silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes Formações Discursivas, pelo seu jogo. Com o apagamento de sentidos, há zonas de sentido e, logo, posições do sujeito que ele não pode ocupar, que lhe são interditas. (ORLANDI, 1990, p.52).

O silêncio aparece como nuclear na determinação histórica dos processos de significação do discurso europeu sobre o brasileiro. O silêncio não se refere à inexistência de sentido; na verdade, a sua existência já é sentido.

O discurso sobre o Brasil ou determina o lugar de que devem falar os brasileiros ou não lhes dá voz (...) O brasileiro não fala, é falado. E tanto há um silêncio sobre ele, como ele mesmo significa silenciosamente, sem que os sentidos por essas formas de silêncio sejam menos determinantes do que as falas “positivas” que se fazem ouvir categoricamente. (ORLANDI, 1990, p.50).

A noção da diferença, além de dar conta do silêncio, dá importância metodológica à noção de paráfrase. Muitas vezes, nesta tentativa, o sentido se perde ou até mesmo transforma-se, ganhando outras direções, outros sentidos, ou melhor ainda, outros efeitos. Todavia, pela noção da paráfrase se pode observar a relação entre diferentes, tanto no interior das mesmas formações discursivas, como entre distintas formações discursivas. É neste interdiscurso que se encontra “o lugar de constituição dos sentidos, a verticalidade (domínio da memória) do dizer, que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito” (ORLANDI, 1990, p. 42).

A natureza do processo de produção do discurso está na relação entre paráfrase e polissemia. Já o seu espaço é o da multiplicidade, porque o sentido de um discurso se desdobra em outro, e em outros. Quanto ao tempo, podemos dizer que o sentido do



discurso não dura. “O que dura é seu “arcabouço”, a instituição que o fixa e o eterniza”. (ORLANDI, 1990, p.42). O que se insinua agora pode desaparecer, apagar-se em algum tempo, mas o “arcabouço”, muitas vezes no qual está enraizado o estereótipo, perdura. As pessoas podem não se lembrar do discurso em si, mas seu “pano de fundo”; o tema abordado, principalmente se este denuncia uma fraqueza ou possui tendência ao negativo, é lembrado por uma questão do domínio da memória.

Se partirmos da premissa que não há história sem discurso, teremos a real dimensão da importância e da análise do discurso utilizado pela imprensa portuguesa sobre o Brasil para a representação de nossa realidade e, conseqüentemente, de nossa história, na medida em que, segundo Orlandi (1990), produz o brasileiro como um sujeito-cultural e nega-lhe o estatuto de sujeito-histórico.

O princípio talvez mais forte de constituição do discurso colonial, que é o produto mais eficaz do discurso das descobertas, é reconhecer apenas o cultural e des-conhecer (apagar) o histórico, o político. Os efeitos de sentido que até hoje nos submetem ao “espírito” de colônia são os que nos negam historicidade e nos apontam como seres culturais (singulares), a-históricos. (ORLANDI, 1990, p. 15).

Há um vazio de identidade produzido pela tão famosa mistura de raças e cores. Somos uma mistura, mas uma mistura indefinida. Diante desta indefinição, fica difícil produzir um discurso próprio sobre si mesmo. Desse lugar vazio, fazemos falar as outras vozes que nos dão uma identidade. Vozes que nos definem principalmente pelas diferenças, mesmo quando ensaiam uma aproximação evidenciada por termos como “países-irmãos”. Irmãos sim, mas sem semelhança interna.

(...) de um lado, os europeus procuram absorver as diferenças, projetando-nos como cópias em seus imaginários, cópias malfeitas a serem passadas a limpo; enquanto do outro lado, assumindo a condição de simulacros – imagens rebeldes e avessas a qualquer representação –, os brasileiros às vezes aderem, às vezes não, ao discurso das cópias. (ORLANDI, 1990, p.21).

O discurso de “fora” tem como característica apagar as condições concretas do fato e dar, ao mesmo tempo, sentidos absolutos desenraizados do seu contexto. Ser descoberto pelo olhar de fora nos faz prisioneiros do sentido do outro, e assim nos mantém. O discurso da ecologia e da posse de terra no Brasil, por exemplo, mesmo quando falado por brasileiros, tem a perspectiva do olhar europeu ou norte-americano.



Não se pode desmatar a Amazônia devido à sua importância mundial. Onde está o questionamento dos males da degradação para a população que vive esta realidade? Como elas são realmente afetadas? Isso não se fala.

Os caminhos da pesquisa

O recorte temporal escolhido engloba todas as informações publicadas no jornal impresso português *Público* entre o dia 1º de maio de 2007 e 30 de junho de 2007, em 61 edições, com 329 matérias se referindo ao Brasil. As palavras-chaves escolhidas como critério de busca e coleta das informações foram *Brasil, brasileiro(s) e brasileira(s)*.

As informações publicadas e dentro dos recortes já apresentados foram divididas em três grupos: Grupo 1 - as notícias que apenas mencionavam as palavras-chaves e que, portanto, não tratavam necessariamente do Brasil e do povo brasileiro como foco principal; Grupo 2 - as notícias que mencionavam as palavras-chaves e que as tratavam como acontecimento principal, entretanto, com uma relevância explicada por alguma relação, seja ela direta ou indireta, com Portugal; Grupo 3 - as notícias que mencionavam as palavras-chaves e que, além disso, tratavam-nas como foco principal sem necessariamente manter qualquer relação com o país lusitano implicando na relevância de sua publicação, ou seja, simplesmente o Brasil pelo Brasil.

As análises de discurso, que implica no processo de significação e construção de sentidos utilizados nos temas abordados na produção do material jornalístico, foram feitas apenas com as informações classificadas e pertencentes aos grupos 2 e 3, supracitados, que somaram cem notícias (as outras 229 pertencem ao Grupo 1).

O Brasil e os brasileiros nas páginas do jornal *Público*

Sob aspecto geral, pode-se dizer que os temas mais abordados são os que envolvem cultura e esporte. A ordem dos temas de maior ocorrência varia de acordo com o grupo de notícias a que pertence.

No Grupo 1, há uma maior ocorrência de notícias envolvendo cultura. Sessenta e quatro notícias envolvem esse tema. Neste grupo de notícias, o segundo tema mais abordado foi o esporte. Cinquenta e cinco notícias envolvem este tema. Através da análise estatística também se verificou que das 55 notícias, 40 delas tratavam do futebol.

O desenvolvimento econômico do Brasil e a grande quantidade de parcerias comerciais entre os governos do nosso país e de Portugal, além das parcerias entre



empresas privadas de ambos os países e a instalação de multinacionais em território “irmão”, explicam as tantas menções ao Brasil nas notícias envolvendo negócios e/ou economia: foi o terceiro tema mais abordado no Grupo 1.

As notícias do Grupo 2 foram enquadradas em seis tipos de temas: esporte, cultura, economia, polícia, política externa e turismo. Nas notícias do Grupo 2, nota-se uma similaridade em relação aos temas mais abordados nas notícias do Grupo 1, apesar da inversão de posições nos três primeiros lugares. Neste grupo, a maior quantidade de notícias publicadas tratam de esporte que em sua totalidade refere-se ao futebol; são 27 notícias tendo tal esporte como foco principal. O segundo tema mais abordado neste grupo de notícias é a cultura. Economia (Negócios) é o terceiro tema mais abordado pelas notícias publicadas pertencentes ao Grupo 2; são 9 no total.

A análise estatística do Grupo 3 de notícias, em que a sociedade brasileira e/ou um cidadão brasileiro em particular, são tratados como foco principal sem necessariamente manter qualquer relação com o país lusitano implicando na relevância de sua publicação, ou seja, simplesmente o Brasil pelo Brasil, também nos revela uma redução quantitativa das notícias publicadas. Em sessenta e uma edições do *Público*, foram publicadas 35 notícias sobre o Brasil ou sua sociedade, sem que o assunto tivesse nenhuma relação direta com Portugal. Isto é o mesmo que dizer que uma notícia por dia sobre nosso país foi publicada durante mais de um mês, em um recorte periódico de dois meses.

Na comparação entre os Grupos 2 e 3, nota-se também o fato da cultura e do esporte estarem na posição dos mais abordados. Foram computadas cinco notícias tratando cultura, ocupando a 2ª posição dentre os temas mais abordados; e quatro notícias tratando esporte, duas delas sobre futebol, ocupando a 3ª posição no “ranking”. A novidade está na inserção do tema “Política” (brasileira). O tema é o mais abordado neste grupo de notícias. São dez matérias publicadas com foco na política brasileira.

A relação da análise do discurso com o texto não está na extração do seu sentido, mas sim na busca pela compreensão de sua historicidade. Isto significa se colocar no interior de uma relação de confrontos de sentidos, explicitando o funcionamento do discurso pela ideologia. Entretanto, apesar de necessária à concepção de discurso, não iniciamos o processo de significação da ideologia para o sentido, mas sim procurando entender os efeitos do sentido a partir da relação entre a língua e a ideologia que acontece em todo discurso.



Esta relação será influenciada também pela presença do “outro” no discurso de cada um. O interdiscurso, assim como a noção de diferença, é intrínseco às formações discursivas mesmo que não seja evidenciada lingüisticamente com o uso do discurso direto ou indireto, por exemplo. Este tipo de recurso de linguagem é muito usado no discurso jornalístico para indicar polifonia: o uso de várias fontes; de várias vozes. Fica mais explícito nas citações diretas como ocorre, por exemplo, na citação da vocalista da banda brasileira Bonde do Rolê, Mariana, em matéria publicada no *Público*: “Quanto mais me liberto mais ridícula fico. Não sou sexy. Não sou sensual”. (BONIFÁCIO, João. Celebração do lixo. *Público*, 1º mai 2007, Suplemento Y).

Muitas vezes esta polifonia, que no jornalismo costuma angariar mais credibilidade ao discurso indicando uma intenção do repórter em ouvir todos os lados do fato noticiado e assim promovendo a polissemia e um certo grau de imparcialidade, é utilizada como uma espécie de “isca da imparcialidade”. O discurso jornalístico apresenta várias vozes, de diversas fontes, utilizando de citações diretas ou indiretas, mas que no fundo só confirmar e demonstram uma ponto de vista do fato que está sendo noticiado. Este recurso exime o discurso da acusação de ser parcial, mas de fato não está contribuindo verdadeiramente com a polissemia, direcionando ideologicamente o sentido.

O conceito do silenciamento, permitido para a análise discursiva graças à utilização da noção de diferença, encontrou diversas oportunidades de aplicação, principalmente em relação à voz do brasileiro. Em várias notícias, mesmo naquelas em que o foco era um cidadão brasileiro ou uma instituição brasileira, não se fez presente a voz dos mesmos. O recurso utilizado para mascarar esta situação de grave influência para o processo de significação em vários dos casos é a apropriação do discurso do outro, no caso dos brasileiros, no dizer de quem produz a notícia. Discursos indiretos garantem o pequeno “a parte” daqueles sobre quem se fala. “Mas a Telemar, no final da semana, veio dizer ao mercado que todos os seus accionistas contactados pela PT tinham recusado a oferta”.(CAMPOS, Anabela. PT faz marcha atrás na procura de oportunidades de investimento no Brasil. *Público*., 6 mai, 2007, Caderno Economia.).

O discurso da colonização, da conquista, não é explícito, até pelas transformações históricas e a atual situação de emergência de nosso país na conjuntura global que ultrapassa a especificidade da relação Brasil x Portugal. É óbvio que, se existente, o discurso do colonizador sobre o colonizado não viria explícito num embate entre superioridade e inferioridade, entre o português e o índio. As necessidades



diplomáticas que defendem determinados interesses, principalmente econômicos, e a vigência do discurso do politicamente correto e da igualdade entre os povos, impedem este tipo de conduta nos textos jornalísticos.

Entretanto, se analisarmos mais profundamente e percebermos o funcionamento dos discursos das amostras coletadas, fica comprovado a existência de resquícios do discurso da colonização ainda hoje, e de diversas maneiras.

Em algumas matérias, a descendência portuguesa de indivíduos brasileiros de quem se fala é citada, mesmo que tal informação à notícia fosse irrelevante. O que se nota é uma tentativa de aproximação forçada, que pode ter como justificativa aos produtores de tal recurso, a necessidade jornalística dos manuais de redação de aproximar a notícia à realidade local. Entretanto, um outro fato que não escapou à observação foi que a tal aproximação forçada pelo sangue, ou seja, pela descendência entre o brasileiro e o português quase sempre se faz quando o assunto ou a notícia sobre a qual se fala é positiva e que, de alguma forma, traz uma boa imagem ao povo português.

O tema foi várias vezes referido durante a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, que terminou domingo, e tem como principal impulsionador o ministro da Saúde, o luso-descendente José Gomes Temporão. (AMARAL, Nuno. Lula da Silva admite referendo sobre o aborto. Público, 16 mai, 2007, Mundo.).

Neste caso, a descendência portuguesa do Ministro da Saúde brasileiro não tem a menor relevância ao que está sendo tratado na matéria. Se o intuito era aproximar o assunto à realidade local, bastava mencionar o processo do referendo sobre o aborto que de fato aconteceu em Portugal.

Em matérias relacionadas à cultura em que se fala de um respeitado e consagrado artista brasileiro, esta menção à descendência portuguesa também é bastante comum, mas igualmente irrelevante.

Nascida a 26 de Setembro de 1945, no final da guerra, Maria da Graça Costa Penna Burgos é **neta de um português** que instalou na Bahia uma fábrica de charutos com a marca Costa Penna e ali teve 14 filhos, entre os quais Mariah, mãe de Gal. (PACHECO, Nuno. Gal Costa com “expectativa máxima”. Público, 6 mai, 2007, Cultura., grifo nosso).

Mas há casos em que a ênfase da identidade e nacionalidade portuguesa é deixada de lado. Na verdade, em algumas matérias essa identificação simplesmente é



silenciada ou declarada de maneira superficial; mesmo que a relevância da informação seja mais que evidente.

Os agentes descobriram que a documentação do bebê era falsa e que a criança seria entregue a um casal de portugueses, na cidade do Porto, tal como confessou Inês dos Santos que trazia consigo uma carta endereçada aos portugueses. A auxiliar de enfermagem revelou o nome dos pais do bebê que serão procurados pelos agentes da Polícia Federal de Alagoas, no Nordeste do Brasil. (LUSA, Agência. Brasileira tenta traficar bebê para o Porto. *Público*, 7 jun, 2007, Portugal.).

É possível constatar que apesar de o casal português estar tão envolvido no crime quanto a brasileira, que, por sua vez, teve o nome divulgado, seus nomes não foram divulgados. Em contrapartida, a nacionalidade brasileira é enfatizada inclusive no título da notícia, distanciando ou desviando a atenção do fato de um casal português estar envolvido em tráfico de pessoas, neste caso, de um bebê. É preciso ressaltar que este fato foi noticiado duas vezes no *Público*. Também nesta segunda matéria - PJ pede informações sobre mulher detida por tráfico de menor (*Público*, 8 jun 2007, Portugal) - os nomes dos portugueses envolvidos não são revelados.

Se a aproximação entre brasileiros e portugueses ocorre no discurso jornalístico do *Público*, tomando seus devidos direcionamentos quanto ao processo de significação, o distanciamento também ocorre com a mesma frequência. Se em boas horas somos irmãos de sangue, em momentos ruins somos “os outros”. Este distanciamento também tem como característica o discurso da singularidade. Somos “os outros” porque somos singulares e por nossas particularidades que revelam, portanto, nossas diferenças.

"A força de Gabriela acabou sempre por vencer", reconhece Mário Castrim, em honrada autocrítica, no dia do último episódio. "Errei na previsão feita há seis meses. Meus cálculos ["meus cálculos", escreve-se no texto, sem o artigo definido: ironia? Simples gralha?] fundavam-se no obstáculo da pronúncia, dos particularismos e idiotismos brasileiros; fundavam-se numa incorrecta apreciação das capacidades telenovelescas; fundavam-se ainda num conhecimento imperfeito do telenovelismo brasileiro. Afinal, a pronúncia e os modismos não constituíram obstáculos sérios". (GOMES, Adelino. Gabriela substitui “sessões de esclarecimento” do PREC. *Público*, 16 mai, 2007, Temas).

Através da apropriação do discurso nesta notícia, utilizando a citação direta de uma fonte, e da escolha daquilo que se diz, que assim exige quem produz a notícia de qualquer acusação de utilização de opinião própria, se é que isso é possível em



jornalismo, faz com que a narrativa produza um sentido de distanciamento, utilizando habilmente, a aproximação entre os costumes dos dois povos. Este jogo de significar uma coisa para produzir um outro sentido se faz de maneira bastante sutil e mascarada.

A análise discursiva das notícias dos Grupos 2 e 3 também comprovou a utilização do discurso do científico, resquícios do que ocorria no período da colonização quando muitas das características e fatos sobre o Brasil eram explicados e justificados pelo discurso científico devido a falta de conhecimento e até mesmo pela falta de comprometimento com a historicidade de nosso país e sociedade, para justificar algumas informações, todavia sem a devida contextualização do estudo. Geralmente, dados estatísticos são jogados pela credibilidade que possuem pelo fato de serem resultados de estudos científicos, sem maiores informações acerca do universo em que ocorreu.

Ao abordar a delicada questão da segurança pública - só no Rio de Janeiro, uma pessoa é assassinada a cada duas horas -, Lula sublinhou que "o foco não é o Governo federal". Depois, referiu-se ao patrulhamento que o exército fará nas ruas do Rio a partir da próxima semana. "Só entramos quando nos pedem", disse o Presidente.(AMARAL, Nuno. Lula da Silva admite referendo sobre o aborto. Público, 16 mai, 2007, Mundo.).

Na notícia, o dado estatístico é usado para dar sustentação ao sentido, entretanto, não se faz a menção ao contexto histórico e a dados importantes de contextualização da pesquisa como densidade demográfica, população, se há uma concentração local, tipo periférica, destas mortes, entre outros. A credibilidade intrínseca do discurso científico, em um universo de informações soltas, somando-se ao desconhecimento do contexto histórico e ao domínio da memória do já-dito (sobre a violência no Brasil, por exemplo), contribui para a produção de simulacros que são extremamente suscetíveis à produção, divulgação e proliferação de estereótipos.

O discurso mercantilista por muito tempo foi muito usado para estabelecer as relações entre Brasil e Portugal, principalmente no período colonial. Atualmente as relações comerciais entre os dois países continuam, claro, seguindo as mudanças que ocorreram com o passar do tempo. Entretanto, resquícios do discurso do período colonial foram verificados, apesar da pouca frequência. Nas notícias que tinham como tema negociações entre empresas dos respectivos países, foi bastante comum o funcionamento do discurso que produzisse um sentido cuja empresa portuguesa ou o governo português, na maioria dos casos aparecessem como os grandes beneficiadores e



o Brasil e suas empresas como os verdadeiros beneficiados nas transações comerciais, o que nos faz lembrar o discurso das relações comerciais entre matriz e colônia.

A Metacortex, uma empresa portuguesa de planeamento e gestão de recursos naturais, procura outros investidores para reforçar um projecto de produção de biocombustíveis no Brasil. (...) A Metacortex está também a desenvolver outro investimento em Tocantins, que prevê, igualmente, uma produção anual de 100 milhões de litros de biodiesel. (...) "O Brasil terá a maior fatia nesse bolo, sendo uma potência mundial na área de produção de combustíveis limpos, nos próximos anos, o que vai gerar muitas oportunidades de negócios". (AMARAL, Nuno. Portugueses apostam no sector dos biocombustíveis no Brasil. Público, 23 jun, 2007, Economia).

Considerações Finais

Pode-se observar e concluir com que tipo de informações (temas) e suas respectivas frequências a sociedade lusitana recebe, em relação ao Brasil e seu povo. Os dados estatísticos revelam que os temas mais abordados em relação ao Brasil são mesmo Cultura e Esporte. Mais de uma centena de notícias envolvendo estes temas foram publicadas no *Público* durante o período analisado, em um total de 329. Isto é, pelo menos um terço das notícias lidas pelos leitores do *Público* que se referiam ao Brasil tratavam de Cultura e Esporte. Esta frequência temática pode ser fruto do domínio do já-dito, já que o Brasil é conhecido como “o país do samba e do futebol” ou ainda pode ser interpretada como causa e/ou incentivo a este discurso já-dito.

Quanto à análise de discurso propriamente dito e utilizado no *Público*, há fortes indícios para se concluir que mais que “o irmão pobre”, hoje somos “o irmão que enriqueceu” e que, por isso, precisa ser discutido, falado e ser parte integrante da “ordem do dia” das rodas sociais, e, portanto, parte integrante daquilo que se fala na imprensa portuguesa. Entretanto, esse “ser falado” ainda não nos dá o direito de ter voz ou ocupar lugar no discurso. Nossa voz está sempre a espreitar no discurso jornalístico do *Público*.

Este discurso, através de diversos recursos como o silenciamento, a apropriação do discurso e outros tantos modos evidenciados no desenvolver da análise da pesquisa que serviu de sustentação para este estudo, ainda domina e controla o que se fala sobre nós, os brasileiros.



Ainda somos um “outro” sem história. Um “outro” silenciado, já que nossa essência indefinida nos submete à condição de sermos interpretados com a influência do domínio da memória do já-dito, sustentado por uma rede de simulacros que, no fundo, só comprova o discurso do desconhecimento. Todavia, o silêncio serve também para produzir resistência e, assim, apesar de silenciados, existimos no interdiscurso, quase sempre a espreitar.

Não podemos deixar de esclarecer que a compreensão, incompreensão e atribuição de sentidos (interpretação) fazem parte de um jogo, onde se jogam sempre os limites do dizer. E assim, devemos refletir até que ponto o discurso utilizado pelos portugueses sobre nós é original. Será que parte deste discurso não é eco do que dizemos por nós mesmos? Será que não contribuímos com a divulgação destes estereótipos? A incompreensão e o desconhecimento demonstrados não podem mesmo ser advindos do vazio do sentido sobre nós mesmos?

Esses são questionamentos que, apesar de continuarem em aberto, não podem deixar de ser feitos para a utilidade acadêmica deste estudo.

Referências e Consultas

CUNHA, Isabel Ferin. **As telenovelas brasileiras em Portugal**. Universidade de Coimbra, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf>> Acesso em 15 abr. 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

RATTNER, Jair. **Estudo mostra visão estereotipada dos brasileiros entre portugueses**. BBCBrasil.com Repórter BBC, Lisboa, 21 nov, 2007. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/11/071120_imigracao_np.shtml>. Acesso em 21 nov. 2007.

WOLF, Mauro. Novas tendências da pesquisa: meios de comunicação de massa e construção da realidade. In: _____. **Teorias das comunicações de massa**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.